

DESAFIOS DO ESPÍRITO SANTO

DESENVOLVIMENTO COMO CRESCER?

Municípios se veem parados com a falta de investimento

LETÍCIA GONÇALVES
lgoncalves@redgazeta.com.br



Falta de opção. Esse é o resumo da vida em uma cidade que recebe

poucos investimentos. Quem não encontra o emprego ou o curso pretendido deixa o município ou parte para o serviço pesado na lavoura. Há, ainda, algumas empresas que precisam de mão de obra, mas nem sempre é fácil encontrar funcionários qualificados.

O quadro descreve o que ocorre em Itarana, um dos municípios da microrregião Central Serrana do Estado. De acordo com o Instituto Jones dos Santos Neves, essa é a região que tem a menor perspectiva de receber investimentos – públicos e privados – até 2017.

Serão R\$ 241,4 milhões, ao todo, para Itarana, Itaguaçu, Santa Marina de Jetibá, Santa Teresa e Santa Leopoldina. O montante corresponde a apenas 0,2% do que está previsto para todo o Espírito Santo.

“Parece que nossa população está diminuindo. Quando as pessoas saem para estudar não voltam mais”, conta Aparecida Rizzi Mattedi, 51 anos, moradora de Itarana.

Ela tem razão. Se em 1999 a população da cidade era de 11.081 pessoas, em 2010, caiu para 10.840, de acordo com o IBGE.

Aparecida e o marido, Geraldo Mattedi, 61 anos, têm quatro empresas na cidade, mas acham que algo tem que mudar para que os moradores queiram permanecer em Itarana.

O empresário Antônio Scárdua, 65, pensa o mesmo. “Itarana está perto de tudo, está no centro de um monte de coisas, mas não somos nada”, afirma. Ele é



FOTOS: MARCELO PREST

Incentivo à instalação de novas empresas

O empresário Antônio Scárdua lamenta a falta de investimentos em Itarana, apesar de a cidade ter uma boa localização.

“Não temos um crescimento maior e um município mais bem estruturado porque falta gestão pública. A política não é voltada para o futuro. Há muito tempo faltam planejamento e incentivo à instalação de novos negócios”

— **ANTÔNIO SCÁRDUA, 65 ANOS** Empresário

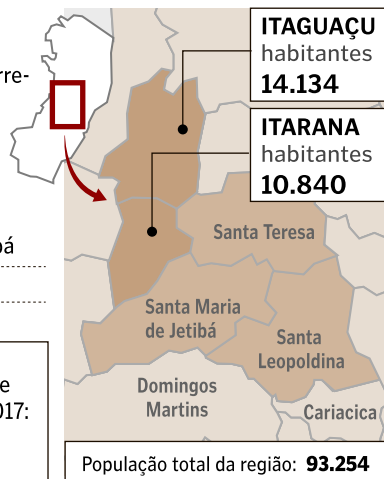
A REGIÃO

A reportagem de A GAZETA percorreu duas cidades da microrregião Central Serrana: Itarana e Itaguaçu.

A microrregião é formada ainda por:

- Santa Maria de Jetibá
- Santa Teresa
- Santa Leopoldina

A região que tem a menor perspectiva de investimentos até 2017: 0,2% do total do Espírito Santo.



A Gazeta | Editoria de Arte | Gilson

dono de uma das maiores empresas da cidade, com faturamento de R\$ 50 milhões por ano, e vê um horizonte de possibilidades ainda não exploradas para

o desenvolvimento do município.

“Tem que aglomerar as coisas, criar um parque industrial. Uma empresa atrai a outra. Itarana tem

uma ótima logística, pela localização. Seria um ponto comercial e industrial estratégico”, imagina.

O exemplo de Santa Maria de Jetibá é destacado pelo empresário. O município vizinho tem uma economia mais dinâmica: “Lá tem investimento pesado em avicultura”.

Geraldo Mattedi acredita que outra cidade da mesma região, Santa Teresa, também tem o que ensinar a Itarana. “Poderíamos investir no agroturismo, como em Santa Teresa, no que se produz na roça. Nosso queijo minas, por exemplo, é o melhor do Estado”, garante.

Itaguaçu sofre problemas similares. Assim como Itarana, carece de investimentos e a população avalia que, com a chegada

de novas empresas e com investimento em infraestrutura e na agricultura, haveria mais oportunidades de emprego e o comércio se desenvolveria mais.

“Só tem renda circulando quando a prefeitura paga os salários dos servidores ou na época da colheita do café”, conta a comerciante Shirley Pagel.

Além dos problemas estruturais, os dois municípios também sofreram prejuízos com as chuvas que atingiram o Estado no ano passado.

gazetaonline.com.br

Veja no nosso site vídeos com os moradores das cidades visitadas. Amanhã você confere em A GAZETA o que os candidatos ao governo do Estado se propõem a fazer para melhorar o desenvolvimento da região.

DEPOIMENTO

“AQUI NÃO TEM QUASE NADA”

Claudina Pagel, 72 anos
Aposentada



Poucas opções de trabalho

“Minha família, meus filhos, são um exemplo do que acontece em Itaguaçu. Um deles foi para Vitória e, graças a Deus, trabalha. A outra tem uma lojinha aqui e tem uma outra filha que não consegue emprego em Itaguaçu porque não há muitas opções. Não tem uma fábrica, não tem quase nada. Depois da enchente piorou. Precisa de mais investimentos, com certeza. Mas eu moro há mais de 40 anos na mesma rua e não tenho vontade de sair. A gente só quer ver a cidade melhorar. Outro lugar pode ser ótimo, mas nunca é como o nosso. Eu amo Itaguaçu.”



FOTOS: MARCELO PREST

Diversificar para viabilizar a lavoura

O produtor rural Flávio Bride Soares, 34 anos, planta café em Itaguaçu. A cafeicultura é a principal atividade econômica do município. Mas Soares também investe no cultivo da banana para conseguir se manter no campo. Ele diz que sente falta de mais investimentos.

“Tem que ter fábricas e microindústrias. Hoje a cidade depende muito do café. A economia tem que girar”

FLÁVIO SOARES
Agricultor

Em Itaguaçu, jovens dizem que não têm perspectiva de crescer

Os jovens são os que mais sentem a falta de opções. Sentado em um dos bancos da praça de Itaguaçu no meio da tarde, Hudson Teixeira, 20 anos, está desempregado.

“Vou embora para Vitória fazer um curso. Aqui não tem possibilidade de crescer, não tem curso, não tem empresa. Trabalhar na roça é tenso”, conta Hudson.

“Eu trabalhava em um bar, não ganhava mal, mas bar só é bom para quem é dono”, comple-

menta Hudson, pensando no futuro.

Ele lembra que, no interior, até as opções de lazer são escassas. “Lazer aqui é ir para a pracinha”, ri, ao lado dos amigos Bruno Storke, 18 anos, e Alex Marino, 29.

Bruno já não mora em Itaguaçu, onde passou a infância e a adolescência. Já Alex chegou a se dedicar ao trabalho na roça, em uma plantação de mamão, mas já deixou a empreitada. “Essa roça de mamão já acabou e também não sou

muito chegado ao trabalho na lavoura. Tem gente de Itaguaçu que trabalha no Mattedi e no Scárdua (lojas), em Itarana. Aqui as opções são, basicamente, café, mamão e banana”, afirma Alex.

Os investimentos previstos para a microrregião Central Serrana até 2017 consistem em obras públicas, como implantação de serviço de esgotamento sanitário e abastecimento de água e melhorias no sistema viário, com construção e recuperação de estradas.



Hudson, Bruno e Alex na praça: sem lazer e com poucas opções de trabalho

Na pacata Itarana, família pede maternidade e mais empregos

A lavradora Ana Cláudia Possmoser de Souza, 41 anos, considera a vida em Itarana “boa”. No entanto, diz que muita coisa podia ser melhor.

“A vida aqui é tranquila, eu gosto. Tem pouca violência, as pessoas se conhecem. Mas se tivesse mais empresas ou mais investimento no campo seria melhor porque teria mais emprego”, afirma Ana Cláudia, ao lado das filhas Edivânia Possmoser Souza, 15 anos, e Milena, de três anos.

Edivânia complementa a análise da mãe: “Precisa de mais coisas na cidade”. Ao ser questionada o que



Ana Cláudia, com as filhas Milena e Edivânia

poderia melhorar, a adolescente destaca a área da saúde no município. “Tem um hospital aqui, mas não

tem maternidade. Ninguém nasce em Itarana. Tem que ir para outra cidade”, lamenta a jovem.

Lojista pensa em ir para outro município

A poeira está quase levando o comerciante Luciano José da Cunha, 47 anos, a abandonar Itarana. Em frente à loja dele há uma obra inacabada.

O asfalto foi retirado de parte da rua para realizar uma obra de saneamento, mas a cobertura não foi recolocada após o fim dos trabalhos. Como resultado, o pó levantado pelos veículos na via fica impregnado nas roupas que Luciano vende na loja.

“Uma cidade sem infraestrutura e com obras inacabadas não atrai ninguém. A cidade não cresce, fica na mesmice. Há muito tempo não chega uma empresa nova aqui”, desabafa o comerciante.



Luciano: “A cidade não cresce, fica na mesmice”